

## LEITURA DE MANGÁS EM REALEZA-PR: A VOZ DOS SUJEITOS SOBRE SUA FORMAÇÃO LEITORA

TONETTO, Amanda<sup>1</sup>  
TRÊS, Naiane Carolina Menta (Orientadora)<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente Trabalho de Conclusão de Curso apresenta uma pesquisa sobre a leitura de mangás com alunos de uma Escola de Ensino Fundamental, no primeiro período de 2018. Os quadrinhos japoneses ainda são vistos como causadores de impactos negativos em crianças e adolescentes; porém, de acordo com as entrevistas, a leitura desses jovens pode ser potencializada utilizando os mangás. Assim, objetiva-se analisar a fala de estudantes do sexto e nono ano, com relação aos quadrinhos japoneses. Para isso, foi feito fichamentos de livros de pesquisadores da área da leitura e dos mangás. A delimitação da amostra foi realizada através de um questionário e, logo após, a análise dos dados, por meio de uma entrevista. Os resultados da pesquisa apontam que houve um maior interesse dos estudantes para com a leitura, a partir do momento que passaram a ter contato com os mangás. Porém, ainda há preconceitos com textos que não são prestigiados pelo ambiente escolar, como é o caso dos quadrinhos japoneses.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mangás. Leitura. Formação do leitor.

## LECTURA DE MANGAS EN REALEZA-PR: LA VOZ DE LOS SUJETOS SOBRE SU FORMACIÓN LECTORA

**RESUMEN:** El presente Trabajo de Conclusión del Curso presenta una investigación sobre la lectura de manga con alumnos de una Escuela de Enseñanza Fundamental, en el primer período de 2018. Las historietas japonesas siguen siendo vistas como causantes de impactos negativos en niños y adolescentes; sin embargo, de acuerdo con las entrevistas, la lectura de esos jóvenes puede ser potenciada utilizando el manga. Así, su objetivo es analizar el habla de estudiantes del sexto y nono año, con relación a las historietas japonesas. Para eso, fue hecho repaso bibliográfico de investigadores del área de la lectura y de los mangas. La delimitación de la muestra fue realizada a través de un cuestionario y, después, el análisis de los datos, a través de una entrevista. Los resultados de la investigación apuntan que hubo un mayor interés de los estudiantes para con la lectura, a partir del momento que pasaron a tener contacto con los mangas. Sin embargo, todavía hay prejuicios con textos que no son prestigiosos por el ambiente escolar, como es el caso de las historietas japonesas.

**PALABRAS-CLAVE:** Manga. Lectura. Formación del lector.

<sup>1</sup> Graduanda em Letras: Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Realeza. E-mail: amandatonetto.at@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Estudos Literários pela Universidade de Passo Fundo. Professora de Língua e Literatura Espanhola na Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Realeza. E-mail: naiane.menta@uffs.edu.br.

## 1 INTRODUÇÃO

Os jovens de hoje em dia não leem! Essa é uma frase muito comum de se ouvir no dia-a-dia, tanto por parte dos pais e familiares quanto por parte de alguns professores. Se olhar a história da leitura desde os tempos mais antigos, como a idade média por exemplo, pode-se perceber que a questão da leitura era tratada de uma maneira diferente, como postula Petit:

Durante muito tempo, o poder, a Igreja e os educadores preocuparam-se com os perigos que uma difusão ampla da leitura poderia acarretar. Desde os anos de 1960, entretanto, todos lamentam que essa difusão seja insuficiente. E ainda mais nestes tempos de inquietude, em que ignoramos a maneira como esses jovens inabordáveis, aos quais deixamos cada vez menos espaço, poderiam se ligar ao mundo. (PETIT, 2009, p. 17)

Porém, atualmente, é muito comum haver questionamentos sobre o que deve ou não deve ser lido, como se alguns materiais de leitura fossem mais importantes ou mais bem vistos pela sociedade. Se olharmos para os casos dos animês ou mangás, em muitos casos, existe uma desvalorização social, vendo-os apenas como obras com violência em demasia. Como pode se verificar com Areias “Se o jovem não está habituado a ler um clássico da Literatura Brasileira, mas sim, mangás, por exemplo, é comum essa prática não ser valorizada socialmente.” (AREIAS, 2008, p. 01).

Dessa forma, esse Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo analisar e verificar se existe um público leitor de mangás — em idade escolar — na cidade de Realeza, Paraná e como essa leitura influencia na formação de leitores. Ou seja, através de entrevista aplicada nos alunos pré-selecionados, poderá ser feita uma análise acerca da leitura desse público, bem como se elas influenciam para a busca de materiais diferente de leitura.

Sendo tema de investigação da área da Sociologia da leitura é comum deparar-se com frases como: “atualmente os jovens não leem” ou “antigamente os jovens costumavam ler mais”. Essas afirmações, portanto, trazem consigo uma ampla discussão acerca dos seus motivos ou se realmente algo mudou com a leitura dos jovens atualmente. Diante disso, pode-se dizer que o estudante se sente perdido com relação às leituras oferecidas pela escola e pelas leituras descobertas através da internet, mas que não prestigiadas pelas instituições, assim como afirma Lois:

Por que ler? Para que ler? E o que ler? Ao mesmo tempo em que o estudante procura responder a essas perguntas e convive com as imposições de conteúdos, currículo e o acelerado tempo de aprendizado da escola, ele escuta sobre a importância de gostar de ler e do prazer que se deve ter em ler literatura. Confuso com as demandas, ele pula de um texto, tentando dar conta de responder às suas perguntas. (LOIS, 2010, p. 36).

A escola tem o papel de formar alunos leitores que possam transitar em distintos gêneros de textos, abrangendo uma bagagem cultural e de leitura, assim como postula os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

[...] é preciso que os alunos leiam diferentes textos que circulam socialmente. A seleção do material de leitura deve ter como critérios: a variedade de gêneros, a possibilidade de o conteúdo interessar, o atendimento aos projetos de estudo e pesquisa das demais áreas, o subsídio aos projetos da própria área. (BRASIL, 1997, p. 70)

Dessa maneira, é muito importante que os professores estejam inseridos nos contextos e leituras dos alunos, já que “[...] é sempre na intersubjetividade que os seres humanos se constituem, e suas trajetórias podem mudar de rumo depois de alguns encontros. Esses encontros, essas interações, às vezes são proporcionadas por uma biblioteca [...]” (PETIT, 2009, p. 53), como também, essas interações e encontros podem ser propiciadas através de um professor. A partir do momento que o docente se mostra aberto a ler textos que circulam entre os alunos, como o caso dos mangás, pode trazer esses elementos para a aula, fazendo com que seja enriquecida, bem como apresentar aos estudantes leituras parecidas com aquelas que ele está acostumado a ler.

## **2 DAS PINTURAS RUPESTRES AOS MANGÁS**

A escrita sempre teve um papel muito importante na sociedade. Desde as épocas mais remotas, quando ainda não existia a escrita como conhecemos hoje em dia, a civilização sempre foi capaz de criar diferentes tipos de símbolos e escritos que transmitisse o que estavam sentindo bem como o que queriam dizer ou registrar.

Sendo assim, os primeiros escritos são datados de vinte mil anos antes de Cristo, conforme Horellou-Lafarge e Segré (2010, p. 19). O homem sempre possuiu necessidade de criar estratégias que ajudassem a expressar seus pensamentos, sendo assim, houve um longo e lento processo de evolução para com a escrita. “Sua

lenta evolução [da escrita] correspondeu a uma adaptação inventiva do homem a suas necessidades num contexto particular, o que explica o aparecimento de diferentes formas de escrita.” (Idem, 2010, p. 19). Ou seja, conforme a necessidade do homem se fazia presente, novos modos e formas eram inventadas, assim originando diferentes tipos de escrituras, como até os dias atuais conhecemos.

Dessa forma, pode-se destacar Três Grandes Sistemas de Escrita, que, como o próprio nome sugere, foram significativos para os povos da antiguidade e que tiveram um papel muito importante para que as mesmas evoluíssem para o que conhecemos hoje em dia. São elas: ideográfica; cuneiforme e hieroglífica e, finalmente, escrita alfabética. Simplificadamente, a primeira nasceu da necessidade dos povos realizarem contas matemáticas e registrarem contas relacionadas à agricultura; quanto à segunda, há dois tipos de escritas diferentes que nasceram na mesma época, mas uma não complementa a outra. Ambas as línguas se originaram em um contexto semelhante, a necessidade de realizar contas relacionadas à agricultura, porém, a escritura cuneiforme adquiriu uma maior apreciação e, portanto, é mais conhecida e foi mais utilizada. Quanto à terceira, corresponde à escrita alfabética, o qual é datada em mil anos antes da atualidade, e é a que mais se aproxima da que conhecemos hoje em dia. Conforme Horellou-Lafarge e Segré, “[...] o sinal já não faz referência a um objeto ou a uma ideia, mas a um elemento decomposto do som. (Idem, p. 21). Esses Três Sistemas de Escrita, portanto, vieram a contribuir positivamente para com o sistema de escrita que conhecemos hoje em dia.

Alguns séculos mais tarde, foram os gregos que, diante da necessidade, transformaram os sistemas de escrita que possuíam na época em algo mais sólido, através dos primeiros livros e, com isso, mudou-se a concepção da utilidade dos livros, já que “Os gregos farão do livro, não mais apenas um instrumento destinado à fixação e à conservação do texto, mas também um suporte da leitura.” (Idem, p. 22). Com isso, a leitura passou a não ser mais entendida apenas como um instrumento oral — como era visto até a época — mas sim como instrumento de aquisição de conhecimento.

Portanto, a escrita e a leitura sempre estiveram relacionadas como uma forma de sanar as necessidades que as sociedades encontravam. E isso não é diferente no Japão e nos países orientais. Quanto aos mangás, muitos estudiosos tentam buscar as raízes históricas do mesmo e, segundo Luyten (2000, p. 89), muitos associam com

a Pré-História e a pintura nas cavernas, já que, ambas têm como função contar história ou fatos heróicos através de desenhos. Porém, a origem mais certa dos mangás aconteceu a partir do século XI “[...] quando surge uma primitiva manifestação de caricatura gráfica, os chôjûgiga (imagem humorística de animais), uma série de pergaminhos que representavam [...] animais em cenas satíricas de autoria do sacerdote-artista Toba (1053-1140).” (MOLINÉ, 2004, p. 18).

Séculos mais tarde, com o avanço da arte das caricaturas, o pintor Katsuhika Hokusai (1760-1849) foi o primeiro a desenvolver desenhos caricatos e com humor, os quais podem ser associados e se assemelha aos traços dos mangás. Em 1814, o pintor deu vida a uma obra encadernada com diversos desenhos, o qual foi chamado de *Hokusai Manga*, que:

Ao criar o estilo que unia os caracteres *man* (“involuntário”) e *ga* (“desenho”, “imagem”) - cuja palavra resultante significa “imagens involuntárias” -, este se impôs definitivamente como sinônimo de tudo o que é relacionado à caricatura ou ao humor, à semelhança da palavra inglesa *cartoon*. (Idem, p. 18).

A partir dessa obra, a palavra *Mangá* ganhou proporções gigantescas e passou a ser utilizada em larga escala, como algo similar à *Histórias em Quadrinho*, embora a popularização desse termo tenha demorado séculos a ser conhecido e empregado.

### **3 EXPANSÃO DO MANGÁ E O AMBIENTE ESCOLAR**

É certo que os mangás atingem uma grande parcela de público, ganhando destaque de popularidade não somente no Japão — terra onde se originaram os primeiros mangás — mas sim mundialmente, principalmente com a ajuda dos animês — ou animes, como é popularmente conhecido —, essas animações japonesas são demasiadamente populares durante a infância apenas como um veículo de entretenimento. Porém, com a expansão do mangá para o ocidente e com o aumento de fãs de diferentes idades, essa forma de entretenimento passou a ser largamente assistida. Entretanto, a forma como os mangás são encarados e lidos nas terras nipônicas, são diferentes do que no ocidente, “[...] no Brasil os quadrinhos são vistos como mero entretenimento infanto-juvenil e a preocupação literária ficam em torno dos clássicos, no Japão os mangás são usados para educar.” (BRAGA; SPADETTI, 2011, p.02).

Por se tratar de um gênero que fala sobre feitos heróicos, tem-se uma visão de que eles apenas mostram violência e cenas de luta, o que pode gerar desconforto entre pais e professores. Portanto, é muito comum haver uma certa relutância por parte das pessoas, em lerem ou assistirem esses gêneros, muitos, inclusive, afirmam que somente há violência, como postula Fernandes (2006, p. 190-191), por meio de algumas entrevistas com jovens consumidores dessas mídias. Segundo a autora:

A narrativa do mangá tem [...] “uma história para te contar”, e o narrador dessa história parece convidar o leitor a “olhar junto” para que o leitor se desenvolva junto com a personagem. [...] O fato de o mangá mostrar a vida da personagem e ir acompanhando seu crescimento, serve para leitores pensarem sobre a sua vida, podendo aprender algo com a personagem, com a experiência que ela passa. (FERNANDES, 2006, p. 193)

Sob essa perspectiva, as escolas tendem a “ignorar” a leitura de mangás, devido à influência negativa que pode ocorrer no comportamento de crianças e adolescentes. Porém, essa perspectiva é, de certa forma, um mito. Leituras que não são canônicas podem sim serem utilizadas a favor do professor em sala de aula. Para que elas sejam utilizadas para fins positivos, é importante ressaltar que, por ser uma leitura apreciada pelos jovens, o mangá passa inúmeros ensinamentos sobre a cultura de um povo — no caso, japonesa — utilizando-se de lendas e mitos para contar as histórias. Mas não só isso, essas histórias ensinam valores positivos aos jovens.

Os mangás atingem todos os gêneros e faixas etárias, ensinando o valor mais importante que é a formação de caráter, amizade e companheirismo, os educadores conhecendo mais sobre suas histórias podem utilizá-las para demonstrar e orientar a seus alunos o quanto importante é o indivíduo possuir elos de amizade. (BRAGA; SPADETTI, 2011, p. 02).

Basicamente toda história de mangá conta com um grande vínculo de amizade entre as personagens. Para fins de exemplo, o animê *Naruto*, um dos mais conhecidos pela juventude, por ser transmitido pela emissora aberta SBT, em que o trio de personagens — *Naruto*, *Sakura* e *Sasuke* — contam com uma amizade muito forte. Mesmo com diversos problemas e empecilhos, continuam se mantendo unidos com o passar dos anos. Esse é um grande valor que pode ser aprendido através de séries de animações e/ou mangás.

Para haver um diálogo entre trocas de conhecimentos de professores para com os alunos, é necessário que o docente seja um leitor assíduo dos mais diferentes

gêneros existentes, não apenas de romances e poemas; necessita ler as mais diferentes leituras, dos mais diferentes graus de dificuldade, como afirma Frantz:

[...] a relação professor-texto-leitor exige, em primeiro lugar, que o professor seja um leitor competente e entusiasmado, que tenha conhecimento de um acervo literário significativo que amplie seu próprio universo cultural para poder *partilhar* com seus alunos suas descobertas e para ter condições de sugerir leituras significativas a seus alunos. Para tanto deverá conhecer também os interesses de leitura mais comuns à faixa etária daqueles, as fases de leitura, níveis de leitura etc. O professor não apenas sugere, mas também estimula seu aluno através dos mais diversos recursos ou técnicas. Mais importante é que ele mesmo dê seu testemunho de leitor, relatando aos alunos as suas experiências de leitura com entusiasmo e alegria autênticos. (FRANTZ, 2011, p. 65; grifo da autora).

Dessa maneira, o professor sendo um leitor assíduo, poderá orientar o estudante para a escolha de materiais de leitura com um grau de complexidade maior, permitindo assim uma troca de experiência entre professor e alunos. O docente, portanto, deverá ter uma abertura quanto às obras que circulam no ambiente escolar, e assim, orientar e trocar conhecimento com os estudantes, por meio de materiais de leitura selecionadas pelo professor.

#### **4 OS MITOS QUANTO À LEITURA DOS ESTUDANTES**

Por um longo período, uma das preocupações da sociedade era quanto a ampla expansão da leitura. Muitos a viam como algo prejudicial à sociedade, e que, se os livros se tornassem de fácil acesso, seria mais difícil controlar e manipular o povo leitor. Portanto, “[...] en numerosos países, la preocupación se orientó más bien hacia los peligros que podía traer una amplia difusión de la lectura.” (PETIT, 2001, p. 21). Os livros considerados nocivos eram armazenados em lugares secretos e trancados; somente uma ínfima parcela da população podia lê-los, geralmente padres e freis.

Porém, com o passar do tempo, essa ideia foi se modificando, os jovens passaram a serem orientados a lerem as indicações da escola e dos professores e, muitas vezes, como forma de avaliação através de fichas de leitura. Esses jovens, portanto, veem esse processo como algo imposto, visando apenas a quantidade e não qualidade. “‘Debes amar la lectura’ o, dicho de otro modo, ‘debes desear lo que es obligatorio’. Esos discursos dejan poco espacio para el deseo, están a menudo cargados de angustias, y el niño o el adolescente lo sienten. (Idem, p. 22).

Com isso, para não se sentirem perdidos diante de tudo que lhes é oferecido pela escola e pelas mídias de massa, o bibliotecário é um agente importante na formação leitora de um jovem. Através dele — ou, inclusive por meio de um professor — o jovem pode ter um contato com diferentes tipos de literaturas, ouvir indicações e manusear os livros.

Una persona que ama los libros, en un momento dado desempeña el papel de 'iniciador', alguien que puede recomendar libros. De un modo informal, puede ser alguien cercano que ha tenido acceso a la lectura, [...] Puede ser algunas veces un docente, en una relación personalizada, singular. O puede ser un bibliotecario o un trabajador social el que va a dar a otra persona la ocasión de tener un contacto directo con los libros y de manipularlos. (Idem, p. 25-26)

Os bibliotecários e docentes são, dessa maneira, figuras importantes para a iniciação leitora dos estudantes. Por meio deles, os livros podem ser apresentados aos estudantes de uma maneira que cause curiosidade nos mesmos, e não como uma forma de imposição, a fim de vencer os conteúdos dos livros didáticos e/ou para que os estudantes possam ir bem em vestibulares.

## **5 METODOLOGIA**

Para realização da pesquisa, foi optado pela abordagem qualitativa: “[...] não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para a análise de dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos.” (NEVES, 1996, p. 01), trazendo também os dados de forma quantitativa, ou seja, empregando instrumental estatístico, como afirma Neves (Idem, p. 01). Sendo assim, os dados estatísticos foram mostrados, mas, priorizando a pesquisa qualitativa.

Dessa maneira, os procedimentos de pesquisa foram em forma de Pesquisa de Campo e Amostragem, em que se analisou a questão da leitura de mangás pelos estudantes através de uma entrevista com alunos do Ensino Fundamental da Escola Estadual Dom Carlos Eduardo, sendo entrevistados estudantes do 6º e do 9º ano, a fim de fazer uma comparação entre ambas as séries, possibilitando perceber as influências da formação leitora dos mesmos.

O estudo, então, foi desenvolvido através da Pesquisa Bibliográfica, em que foram feitos fichamentos de livros sobre os conceitos de “Leitura e Juventude” e



também “Mangás e Cultura Pop Japonesa”, em que os principais autores contribuintes foram: Petit (2001 e 2009), Lois (2010) e Horellou-Lafarge e Segré (2010) no campo da leitura e Fernandes (2008), Luyten (2000) e Moliné (2004) no campo dos mangás.

Inicialmente, foi aplicado um questionário contendo diversos gêneros de leitura, como: Revista, Jornal, Contos, Livros Escolares, e, entre eles, o Mangá. Assim, os estudantes escolheram quais costumam ler, possibilitando com que sejam selecionados para a pesquisa apenas os alunos que possuem contato com o gênero em questão.

Logo após esse primeiro contato, as fichas com as respostas dos estudantes foram analisadas e selecionados apenas os que marcaram a opção ‘mangá’. Dentre os selecionados, houveram dois estudantes do sexto ano e oito do nono ano, totalizando dez. Após esse processo, foi elaborado um termo de assentimento, o qual apresenta os pesquisadores, explica a proposta e os benefícios da pesquisa, bem como explicita o caráter anônimo dos participantes. Ao fim, a pesquisa foi feita com sete estudantes, sendo um do sexto e seis do nono, sendo três meninas e quatro meninos.

Dessa maneira, como escrito anteriormente, os alunos entrevistados serão mantidos em anonimato, portanto, para facilitar o reconhecimento das respostas dos mesmos, optou-se por utilizar a série que o mesmo frequenta, juntamente com uma letra do alfabeto que o nomeie. Se o aluno ‘A’ estuda no nono ano, logo se chamará 9A.

## **6 "NUNCA SUBESTIME A VONTADE DO FOGO!": QUANDO A LEITURA TOCA OS SUJEITOS**

A sala de aula é um espaço propício para a formação leitora (ZILBERMAN, 2003, p. 16). Porém, a formação de leitores pode estar em muitos lugares e ser realizada por mediadores distintos, não limitados a professores e bibliotecários. Sendo assim, acredita-se que os mangás formam leitores para além da leitura dos quadrinhos japoneses. Destinada a conhecer um pouco mais desses leitores, a análise segue com respostas de jovens, entre dez e quinze anos, da cidade de Realeza.

Quando se fala em mangás, não podemos deixar de falar também nos animês. Mesmo que os segundos sejam inspirados, em sua grande maioria, nos primeiros, a popularidade dos animês é incontestável. Esse conhecimento vem, em muitos

casos, devido às redes televisivas brasileiras, que durante muito tempo — e, inclusive, até os dias atuais — passam desenhos e animês — mesmo que muitos dos que assistem não saibam a diferença entre ambos. De acordo com o estudante 9A, quando perguntado sobre como passou a ter contato com o universo dos mangás, ele respondeu: “Quando eu conheci o Naruto, o anime do Naruto, daí eu comecei a assistir desde o primeiro episódio, até hoje.”. Isso ocorre por se tratar de um dos animes mais assistidos no mundo, de acordo com o site History (2016), que se baseou nos rankings feitos pela empresa japonesa Oricon. Sobre a mesma pergunta, a estudante 9F respondeu: “Foi por causa da minha prima. A gente ia juntas pra aula, daí, antes de ir na aula, a gente sempre assistia Naruto na TV.”.

Sendo assim, a grande maioria do público pesquisado relatou ter começado a gostar dos mangás através da mediação dos animês. Quando perguntados sobre qual dos dois gêneros — animês ou mangás — estavam mais acostumados, aproximadamente 71% dos alunos escolheram os animês, enquanto apenas 29% sentiam-se mais acostumados com os mangás. De acordo com o aluno 9B, “Eu sou acostumado mais com anime, eu comecei a ler mangá recentemente.”.

Esse maior conhecimento dos animês ocorre, principalmente, por dois motivos: o primeiro, por seu acesso mais fácil, em que estão disponíveis tanto em televisão aberta quanto em alguns sites pagos na internet, como é o caso da *Netflix*, em que é disponibilizado alguns títulos bastante conhecidos entre os fãs do gênero. Quanto ao mangá, a sua compra revela-se mais complexa. Por se tratar de uma cidade pequena, Realeza possui somente alguns exemplares disponíveis à venda — como verificado em banca de jornal e papelaria —, porém são títulos e edições que não possuem continuação, o que dificulta a leitura. Mesmo falando de uma cidade maior da região, como o caso Cascavel - Paraná, esse mesmo problema é encontrado. Acha-se, em algumas lojas especializadas em jogos e similares, porém, não seguindo uma ordem cronológica de edições. Segundo a aluna 9E “Não tenho com quem trocar e nem onde comprar.”. Esse é um dos principais problemas com relação à leitura de mangás, não ter onde comprá-los; o entrevistado 9D também comenta acerca disso “É... tipo, eu leio pela internet. Eu tento comprar o livro, mas... não tem loja que vende.”

O segundo motivo é quanto à questão da leitura em si. Alguns estudantes preferem assistir do que ler. De acordo com a pesquisa, quando perguntados se, na época em que conheceram os mangás, liam outros gêneros, dois alunos responderam que não, três responderam que sim e os outros quatro afirmaram que sim, mas que

não liam muito, ou que liam livros didáticos. De maneira geral, apenas cerca de 44% dos estudantes liam usualmente livros, como citado pela aluna 6A, que relatou ler “contos, livros de poemas e comédia.”. Essa, portanto, é uma estatística bem menor que os outros 56%, que afirmaram não fazer essa prática ou fazê-la apenas devido a escola.

Em relação à influência dos mangás na leitura, o aluno 9B respondeu “Sim, eu comecei a gostar de livros, comecei até a ler mais nas aulas de leitura, antes eu não lia. É... eu digo que sim.”. Ou seja, a partir da leitura dos mangás, esse aluno começou a se interessar a ler livros, passando a ler durante as aulas de leituras. A aluna 9F respondeu à pergunta com: “Sim, tipo, antes eu tinha preguiça de ler, mas agora minha vontade aumentou.”. Ainda de acordo, os alunos 6A, 9A, 9C e 9E responderam positivamente; apenas o estudante 9D respondeu com “Mais ou menos. Porque quando eu lia livro era cinco páginas e pronto, agora quando eu comecei a ler mangá eu comecei a ler mais do que os livros, assim.”, de acordo com ele, os quadrinhos japoneses ajudaram a ter um maior interesse pela leitura, porém, contrariando as outras respostas, esse interesse só é visto nos mangás.

Os estudantes, segundo a pesquisa, tiveram respostas positivas quanto ao aumento da leitura no dia a dia. Quando perguntados sobre se liam outros gêneros de leituras, cerca de 85% respondeu positivamente, citando os tipos de materiais de leitura lidos, como o estudante 9B: “Sim, ficção científica, gosto de livros de fantasia também.”. Lajolo, em seu livro *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*, analisa alguns dos clichês os quais ocorrem quando se fala em leitura na escola, como já foi abordado no capítulo *Introdução*, porém, a autora vai mais além.

O que surge nas entrelinhas dos [...] depoimentos é um professor que se crê investido da função sagrada de guardião do templo: lá dentro, o texto literário; cá fora, os alunos; na porta, ele, o mestre, sem saber se entra ou se sai, ou se melhor mesmo, é que a multidão se disperse... (1993, p. 12)

Com isso, a autora escreve que o professor se coloca como um guardião de um templo — literatura — e somente ele pode deixá-los [alunos] possuírem acesso. Porém, essa atitude revela que somente as leituras consideradas canônicas podem formar leitores e, também, que, segundo o ensino tradicional, o professor é o detentor de todo o saber. Conforme trabalhado no início deste capítulo, a escola é sim responsável por formar leitores, mas não apenas. É necessário que haja uma

interação entre professor e aluno, uma troca de saberes. O professor não é um ser que detém todo o conhecimento, mas sim alguém que está em constante aprendizagem.

Com a leitura dos mangás, segundo Fernandes (2006, p. 192-193), ocorre uma identificação entre o aluno e a personagem do mangá, pois o mesmo consegue perceber traços humanos e assim se identificar. O estudante consegue, portanto, se identificar com um ou mais protagonistas e ‘olhar junto’ com os mesmos. Além disso, a autora (Idem, p. 190-191) ainda escreve que as narrativas de mangá possuem jogos mentais, contraposições entre bem e mal, entre uma infinidade de outras questões, ou seja, obriga os mesmos a pensarem e possuírem posicionamentos diferentes em diferentes situações.

Se observar as respostas dos estudantes quanto à pergunta anterior, todos os sete alunos pesquisados responderam positivamente, ou seja, todos acreditam que os quadrinhos japoneses os ajudaram com a questão da leitura. Pode-se afirmar, portanto, que essa leitura ajuda também para que se interesse por outros tipos de textos que, sem esse interesse pelos mangás, provavelmente o estudante não descobriria, como é o caso da estudante 9E, em que diz “Acho que sim. Gosto de ler Naruto e no Naruto fala bastante sobre mitologia japonesa, daí eu tive curiosidade e comecei a ler sobre o Japão e sobre os países da Ásia.”. Sendo assim, segundo a aluna, através dos mangás, ela começou a se interessar por outros tipos de leitura, portanto, cooperou para a sua formação leitora.

Em relação aos espaços de acesso, cerca de 71% das respostas afirmaram que ocorreu em casa, através de familiares e amigos, enquanto aproximadamente 29% dos estudantes afirmaram que passou a ter contato com o mangá em ambiente escolar, através de colegas. A estudante 6A afirmou “Não [ocorreu em ambiente escolar]. Eu ganhei do meu tio.”, ou seja, o primeiro contato ocorreu pelos familiares, assim como a aluna 9F. Em dois casos a televisão e a internet ocorreram como influenciadores, assim como o aluno 9D respondeu “Eu comecei a assistir o filho do Naruto [entrevistadora: Boruto?] Boruto. Não [foi por influência de ninguém]. [Entrevistadora: foi por livre e espontânea vontade?] Sim.”, o estudante, portanto, teve contato com o animê Boruto, que é uma nova versão do animê Naruto, através da internet, sem que houvessem influenciadores diretos. Enquanto isso, uma pequena parcela passou a ter contato com os quadrinhos japoneses a partir da escola; além disso, os que possuíram, foi apenas através dos colegas de classe e amigos, não que

a instituição teve algum papel em formar leitores nesse gênero em questão. O aluno 9A respondeu com: “Foi os amigos. Escola. Escola mesmo. Assistia muito na televisão da escola, porque tinha um amigo meu que ele gravava no CD e passava pra nós.”.

Com relação ao incentivo ocorrido pela sociedade e escola, os estudantes entrevistados concordam que tanto a sociedade quanto a escola não incentivam e, muitas vezes, recriam os que fazem essa prática. A autora Fernandes (2006, p. 179) escreve um capítulo acerca dos mangás, abordando também a questão dos professores. Ela compara a visão que os professores possuem acerca dos quadrinhos japoneses, a mesma que alguns pesquisadores possuíam com relação ao cinema, citando-o que “[...] a velocidade das imagens do cinema distanciava-se do pensamento, seja na posição de Sartori, que na época de 90, identifica a videocultura com o pós-pensamento dizendo ser esta época a da decadência e a do fim do pensamento.”. Com essa fala, a autora, que fez entrevista com alguns leitores de mangá, chega à conclusão de que é desta maneira que a escola vê os mangás.

Com este pensamento, o aluno 9A, por exemplo, fala que “Não, acho que não [que a escola/sociedade incentive]. Acho, assim, que ninguém liga muito, porque é uma coisa que, tipo, todo mundo pensa que é uma coisa de criança, ninguém leva a sério. Porque é uma história em quadrinho, né, que nem todo mundo pensa em Turma da Mônica, mas não é.” Dessa maneira, o aluno cita um dos maiores estereótipos acerca das mangás, o de ser apenas uma coisa de criança, como se não carregasse culturas e aprendizados. No Japão — que possui um dos maiores índices de alfabetização e hábitos de leitura altos — todas as pessoas, de todas as idades, leem mangás. Contrariando os países ocidentais, eles não possuem preconceitos em relação à leitura dos quadrinhos; possuindo, inclusive, gêneros para todos os públicos. (SATO, 2007, *apud* CARVALHO, 2007, p. 18)

O aluno 9D, inclusive, respondeu com “Acho que não. Porque, tipo assim, não tem nada a ver a aprendizagem da escola com essa leitura.”, ou seja, o próprio aluno leitor de mangá acaba externalizando preconceitos que ocorrem nas escolas. Porém, contrariando o que foi dito pelo estudante, pode-se sim ensinar utilizando mangás e vários outros tipos de textos que não são considerados canônicos; mas, claro, deve haver um contexto para isso.

Quanto a questão dos mangás em sala de aula, há diversas formas de os utilizarem. Tanto os mangás quanto os animês possuem uma vasta gama de assuntos abordados nos mesmos. Se, por exemplo, o professor trabalhar política e como o fator

‘fazer justiça com as próprias mãos’ podem ser nocivos, poderia utilizar o mangá *Death Note* que traz, através de metáforas, essa questão; o professor pode, ainda, fazer análises quanto ao comportamento psicológico e físico de personagens, como é o caso de *Sakura Card Captors* que, a primeiro momento, aparenta ser somente mais um mangá com meninas salvando o mundo, porém, se analisado mais profundamente, existem assuntos e questões relevantes para serem discutidas em sala. Tsubô (2005, p. 119-120), no livro *Cultura pop japonesa: Mangá e animê*, organizado por Luyten, relata a existência de um projeto no litoral do estado de São Paulo, em que utiliza os mangás em sala de aula, com oficinas ministrada por professores e, além disso, havendo confecções de alguns quadrinho no estilo japonês e a exposição dos mesmos. Segundo o autor “Foram desenvolvidos diversos projetos que revelaram desenhistas, roteiristas e produtores de quadrinhos da Baixada Santista” (Idem, p. 119).

Continuando nos estereótipos que os mangás recebem, o aluno 9B falou “Não. Não, pela escola não. Pela sociedade também não. Sei lá, porque é uma cultura mais, tipo assim, oriental né, do Japão, pra aqueles lados, então aqui não é muito conhecido, e quem conhece acha mesmo que é mais pra criança. Assim, como os mangás às vezes são inspirados... parte dos animes, eles vêm antes dos animes, então às vezes, principalmente aqui no Brasil né, eles acham que é mais pra criança [...]”. Conforme esse estudante, mais uma vez vemos que os quadrinhos japoneses são vistos como algo apreciado apenas por crianças e, além disso, o aluno responde que, como as culturas do Japão e do Brasil são muito distintas e distantes, as pessoas tendem a não gostar e a não conhecê-los, por conta das diferenças, assim como referenciado no capítulo *Expansão do mangá e a utilização em sala de aula*.

Em se tratando das diferenças culturais, podemos observar vários aspectos acerca do mesmo. O Brasil é o país onde há a maior comunidade japonesa, fora o Japão, portanto, de certa forma, houve uma grande influência por parte desses. Em alguns estados onde houveram um maior fluxo de imigrantes japoneses, é mais fácil encontrar a cultura do mangá e dos animês vinculadas a cultura local, como afirma Luyten (2000, p. 191). Dessa forma, como a pesquisa foi realizada em Realeza, na região sudoeste do Paraná, local onde, em sua maioria, houve um grande fluxo de descendentes de imigrantes italianos e alemães, a cultura oriental não está tão arraigada. Porém, como a sociedade não é isolada, há incorporações de culturas que

são consideradas diferentes; essas incorporações ocorrem, principalmente, através da influência digital, que ocorre troca de fluxo de informação.

A aluna 9F respondeu à pergunta com “Não, acho que os professores nem sabem o que é mangá e também aqui na biblioteca nem tem pra ler. As pessoas pensam que é coisa de criança”. Mais uma vez, vemos o estereótipo enraizado, porém, o que chama a atenção é que na biblioteca escolar não tem o mangá, mesmo que alguns estudantes possam estar interessados em ler. Quando houve uma visita na biblioteca escolar, pode-se perceber que os únicos tipos de quadrinhos que possuía era da Turma da Mônica e do Tio Patinhas. Nem mesmo a Turma da Mônica jovem, que, por muitos, é considerado mangá, tinha. Outro ponto importante de ser mencionado é acerca dos professores, muitos não esse gênero, como constatado acima pela aluna 9F. No momento em que foi realizada a pesquisa em classe, a grande maioria das professoras perguntaram o que era um mangá, o que demonstrou que realmente as docentes não possuem conhecimento sobre o gênero.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os quadrinhos japoneses vêm ganhando um espaço cada vez maior no mercado e no gosto dos brasileiros. Se passarmos a comparar a leitura entre os países ocidentais e orientais, porém, notamos que os segundos estejam a frente quanto à leitura dos mesmos. Em países asiáticos possuem, inclusive, diversos gêneros de mangás voltados aos mais diversos públicos.

A pesquisa, realizada em uma escola de Realeza, no interior do Paraná, mostrou que a maior parte dos estudantes entrevistados possuem contato com o animê e, somente depois de um tempo, buscam ou entram em contato com os mangás. Esse contato, geralmente, ocorre através das redes televisivas, que, durante muito tempo, passavam as animações oriundas do Japão. Outras formas de contato, ocorreram através de amigos ou parentes, que apresentaram o gênero — tanto mangá quanto animê — para os entrevistados.

Em termos de leitura, sendo ela de extrema importância para o estudante em formação, destaca-se, principalmente, dois tipos: a feita para a escola e a fora da escola. Porém, ambas são capazes de formar leitores. Dessa maneira, o contato com os quadrinhos japoneses não ocorre através da escola — que não os possui na biblioteca —, a mediação foca-se através de colegas, amigos e familiares, que os

apresentam à cultura pop oriental. Esse contato pode ser através de gostos parecidos entre colegas ou através de tios, irmãos e primos que os influenciam.

A escola, como fonte de aprendizado e grande formador de leitores, como aponta os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ensino Fundamental (BRASIL, 1997, p. 70), deve disponibilizar os mais diversos tipos de leituras para que o estudante saia da escola conhecendo um pouco de cada. Porém, contrariando isso, a escola não oferece esse suporte, por não ser prestigiado pelo ambiente escolar e por, muitas vezes, não haver conhecimento dos professores sobre o gênero.

A sociedade e a escola, em sua maioria, por ainda ter enraizado o pensamento de que desenhos são para crianças, não possuem o hábito de incentivar a leitura em sala, usando-os apenas como um meio de preencher lacunas de tempo, porém, de acordo com os PCN, “O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes [...]” (BRASIL, 1997, p. 40). Dessa maneira, a escola ainda não se vê preparada para utilizar as potencialidades tanto dos gibis, História em Quadrinhos e Mangás.

Através da pesquisa, os estudantes afirmaram haver um aumento na leitura e, inclusive, na participação nas aulas de leitura. Porém, não se pode somente considerar isso como algo positivo, pois não há incentivo de docentes. Além disso, não há uma abertura para com o docente para a realização de uma troca de conhecimentos.

## ENCAMINHAMENTOS

Através da pesquisa em questão, objetiva-se abrir uma pequena abertura para o tão pouco explorado — principalmente na região sudoeste do Paraná — universo pop oriental, que aqui compreende os mangás e animês. Além disso, pretende-se ajudar com relação ao estudo dos quadrinhos japoneses e na desmistificação dos mangás, havendo uma entrega/retorno para com a escola. Para além da conclusão da etapa acadêmica sirva para a reflexão de professores e gestores escolares na relação entre leituras escolares e não escolares.

## REFERÊNCIAS

AREIAS, Déborah de P. **Leitura e juventude: o que temos diante dos olhos?** In: ACCORSSI, Aline; BERNARDES, Jacira Gil. **Liberem os mangás: juventudes frente à leitura e à informação.** R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.13, n.3, p.81-



100 Set.-Dez. 2016. Disponível em:  
<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151198/001009279.pdf?sequenc e=1>> Acesso em: 11 set. 2017.

BRAGA, Gabriela Vieira; SPADETTI, Maria das Graças. **Os mangás como estratégia didática**. XV Encontro Latino de Iniciação Científica e XI Encontro Latino Americano de Pós-Graduação, 2011. Disponível em:  
<[http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2011/anais/arquivos/RE\\_0149\\_0473\\_01.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2011/anais/arquivos/RE_0149_0473_01.pdf)>. Acesso em: 26 abril 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1997.

CARVALHO, Dolean Dias. **Mangás e Animês: Entretenimento e influências culturais**. Monografia (Comunicação Social) - Centro Universitário de Brasília. Brasília, 2007. Disponível em:  
<<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1506/2/20266905.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

FERNANDES, Adriana Hoffmann. **Mangá e produção de sentidos: reflexões sobre narrativa e contemporaneidade**. In: OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos; PEREIRA, Rita Marisa Ribes (orgs.). **Infância e Juventude: Narrativas Contemporâneas**. Petrópolis: DP et Alii; Rio de Janeiro: Faperj, 2008.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **A literatura nas séries iniciais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

HISTORY. **Empresa cria lista dos 5 mangás e animes mais famosos da história. Confira!** 2016

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da Leitura**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2003.

LOIS, Lena. **Teoria e prática da formação do leitor: Leitura e literatura na sala de aula**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LUYTEN, Sonia Bibe. **Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses**. 2. ed. São Paulo: Hedra, 2000.

MOLINÉ, Alfons. **O grande livro dos mangás**. São Paulo: Editora JBC. 2004.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. Caderno de pesquisas em administração. São Paulo, 1996. Disponível em:  
<[http://ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/15482/2195/artigo\\_sobre\\_pesquisa\\_qualitativa.pdf](http://ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/15482/2195/artigo_sobre_pesquisa_qualitativa.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2017.

PETIT, Michèle. **Lecturas:** del espacio íntimo al espacio público. 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura:** Uma nova perspectiva. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

TATSUBÔ, Fábio. **Utilização do mangá em sala de aula.** In: LUYTEN, Sonia B. **Cultura Pop Japonesa:** Mangá e animê. São Paulo: Hedra, 2005. cap. 12, p. 119-122.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

## ANEXO I – ENTREVISTA

Idade:

6A: 10 anos

9A: 15 anos

9B: 15 anos

9C: 13 anos

9D: 15 anos

9E: 14 anos

9F: 15 anos

Sexo:

6A: Feminino

9A: Masculino

9B: Masculino

9C: Masculino

9D: Masculino

9E: Feminino

9F: Feminino

1. Mostrar-lhes um mangá e um pequeno trecho de um anime no celular, para assim perguntar:

- a. você reconhece esses dois gêneros?

6A: Sim

9A: Sim

9B: Sim, o primeiro é um mangá e o segundo é um anime.

9C: Sim

9D: Sim, os dois.

9E: Sim.

9F: Sim

- b. qual dos dois gêneros você está mais acostumadx?  
Justifique.

6A: Essa daqui. [aponta para o mangá;]

9A: Eu tô mais acostumado com o anime.

9B: Eu sou acostumado mais com anime, eu comecei a ler mangá recentemente.

9C: Esse aqui [apontando para o celular, que foi mostrado uma parte de um anime].

9D: Mangás.

9E: Com os animes. Eu assisto mais animes, não leio muito na verdade.

9F: Anime.

2. Quando você passou a ter contato com o universo dos mangás e animes?

6A: Eu ganhei de aniversário.

9A: Quando eu conheci o Naruto, o anime do Naruto, daí eu comecei a assistir desde o primeiro episódio, até hoje.

9B: Faz... final de 2016.

9C: Meu amigo me recomendou uma vez um anime, aí eu fui ver, comecei a gostar e comecei a assistir.

9D: Não faz muito tempo, assim.

9E: Passei a ter contato a uns cinco ou seis anos atrás.

9F: Foi por causa da minha prima. A gente ia juntas pra aula, daí, antes de ir na aula, a gente sempre assistia Naruto na TV.

3. Como ocorreu? (perguntas extras: com influência de quem? em que local isso ocorreu? casa, escola, biblioteca...)

6A: Não. Eu ganhei do meu tio. [Entrevistadora: ele lê mangás?] Sim.

9A: Foi os amigos. Escola. Escola mesmo. Assistia muito na televisão da escola, porque tinha um amigo meu que ele gravava no CD e passava pra nós.

9B: Foi por causa de uma amiga minha. Aqui na escola mesmo.

9C: Ocorreu pela influência do meu amigo. Sim, é por mensagem.

9D: Eu comecei a assistir o filho do Naruto [entrevistadora: Boruto?] Boruto. Não [foi por influência de ninguém]. [Entrevistadora: foi por livre e espontânea vontade?] Sim.

9E: Eu comecei a ter interesse pelo Naruto, que passava na TV, e também Pokémon, DragonBall e Cavaleiros do Zodíaco. Ocorreu em casa.

9F: Por causa da minha prima, ela sempre vinha na minha casa brincar e ela falava dos animes.

4. Como começou a gostar de mangás? (pergunta extra: foi na mesma época que passou a ter contato?)

6A: Comecei a gostar de mangás por causa do meu tio.

9A: Sim, daí eu conheci novos mangás, assim, novos, tipo, personagens, daí eu comecei a assistir e ler também.

9B: Quando... às vezes acabava um anime, ele não tinha continuação, daí eu procurava um mangá pra continuar pra continuar lendo.

9C: Isso aí foi no sexto ano, eu comprei um mangá quando aqui na escola tavam vendendo, daí eu comprei. Foi na mesma época.

9D: Tipo, sei lá, por causa do anime. Tipo assim, tá assistindo Naruto, aí quando acabou Naruto, tipo, sei lá, aí vai ler. Nunca tinha gostado de ler mangá.

9E: Eu tive contato com os mangás por causa dos animes. Queria saber o final de Shingeki no Kyojin e por isso comecei a ler [risos]. Depois, acabei gostando de ler e procurei por mais.

9F: Foi porque o anime não tinha final e eu queria saber, daí, procurei o mangá. Sim, foi na mesma época.

5. Nesta época, que outros gêneros você lia?

6A: Contos. (Sim)

9A: Não.

9B: Sim, eu lia, ficção científica e ação.

9C: Não.

9D: Sim. Lia Percy Jackson e o ladrão de raio e... só isso, não lia muito livro.

9E: Lia livros tipo Harry Potter e Jogos Vorazes.

9F: Lia os livros da escola [didáticos].

6. Você ainda os lê atualmente?

6A: Sim.

9A: -

9B: Sim.

9C: -

9D: Sim.

9E: Sim, eu ainda gosto de ler.

9F: Sim.

7. Com que frequência?

6A: Ah... quando tenho tempo, às vezes quando não tenho tempo.

9A: -

9B: Não muita.

9C: -

9D: Sei lá, pouca.

9E: Sempre que compro um livro novo, leio.

9F: Eu leio bastante, porque a escola tem o "Quem lê viaja", aí eu acabo lendo muitos livros.

8. Com que frequência (ou quantas horas por semana) assiste animes?

6A: Depois do almoço geralmente uma meia hora.

9A: Duas ou três vezes por semana.

9B: Assim, até que é... mais no final de semana mesmo.

9C: Olha... que eu assisto? É direto, de vez em quando assim, tipo eu não assisto assim muito, só quando tem tempo pra ver, aí assisto.

9D: Todo dia.

9E: Acho que umas duas ou três horas por dia. Tem alguns dias que eu assisto mais ainda.

9F: Sempre quando eu tenho tempo eu assisto.

9. Qual o modo de você conseguir acesso aos mangás atualmente? (pergunta extra: realiza trocas de mangás com alguém?)

6A: Depende...É por causa que às vezes falha a internet, geralmente eu assisto quando... eu já li todos os que tenho em casa, aí agora eu to vendo os animes. Leio pela internet.

9A: Eu pesquiso no YouTube, assim, mas tem um site que eu não lembro o nome que é um lugar que passa tudo, toda semana eles lança, tipo, um episódio do mangá.

9B: Pela internet. Quase ninguém tem mangás pra realizar trocas.

9C: Pelo Google. Não realizo com ninguém.

9D: É... tipo, eu leio pela internet. Eu tento comprar o livro, mas... não tem loja que vende.

9E: Eu acesso alguns sites que tem mangás para ler. Não tenho com quem trocar e nem onde comprar.

9F: Tem um site, que eu não lembro o nome, mas sempre estão lançando capítulos novos.

10. Costumam frequentar biblioteca, bancas de revistas ou sites para ler mangás?

6A: Não, biblioteca só da escola.

9A: Não, somente sites para ler mangás.

9B: De vez em quando.

9C: Não.

9D: Não.

9E: Sim, já procurei nas bibliotecas, mas não achei mangás. Às vezes vou na banca comprar, mas somente para ter, porque não dá de ler por eles, não tem coleção completa. Eu costumo acessar sites que tem mangás para ler.

9F: Sim, a da escola.

11. Quais os gêneros e tipos de mangás que você costuma ler?

6A: É... o que eu mais leio... eu leio geralmente do Naruto e às vezes eu leio de uma outra história de uma princesa lá... não lembro o nome dela, mas...

9A: Chineses, assim, os chineses são os melhores.

9B: Ação, escolares.

9C: Gêneros? Eu leio mais de ação, escolar, tipo... olha, eu assisto mais de ação e escolar e mistério.

9D: Death Note e Boruto agora.

9E: Vários, gosto de ler os de luta, mas o de romance também.

9F: Eu gosto dos mangás de ação, luta, escolares, romance colegial.

12. Que pessoa do seu convívio também lê mangá? (pergunta extra: Algum familiar seu ou colega lê mangá também?)

6A: Meu tio.

9A: Não, só amigos. Não realizo trocas.

9B: Não, somente alguns colegas da sala.

9C: Os amigos de classe.

9D: Sim, os amigos de classe. Nenhum familiar.

9E: Meu primo lê mangás.

9F: Minha prima e alguns colegas.

13. Em relação à leitura de mangás, você acha que ela é incentivada? [a escola e a sociedade vêem com bons olhos?]

6A: Pela escola eu acho que não. Por que a gente... aqui na escola não tem mangá, aí tem mais conto e outros tipos de histórias. Acho que sim [a sociedade...]

9A: Não, acho que não. Acho, assim, que ninguém liga muito, porque é uma coisa que, tipo, todo mundo pensa que é uma coisa de criança, ninguém leva a sério. Porque é uma história em quadrinho, né, que nem todo mundo pensa em Turma da Mônica, mas não é.

9B: Não. Não, pela escola não. Pela sociedade também não. Sei lá, porque é uma cultura mais, tipo assim, oriental né, do Japão, pra aqueles lados, então aqui não é muito conhecido, e quem conhece acha mesmo que é mais pra criança. Assim, como os mangás às vezes são inspirados... parte dos animes, eles vem antes dos animes, então às vezes, principalmente aqui no Brasil né, eles acham que é mais pra criança, conforme o gênero que é muito abordado, que a maioria dos personagens dos animes e dos mangás são adolescentes, quase não tem adultos e a maioria trata os adultos como se fossem os maiores idiotas do mundo, na minha opinião.

9C: Não, eles não indicam. Mas eu não sei [porque não ocorre indicações pela escola]. Olha, eu nunca vi, tipo, alguém lendo mangá assim.. não conheço.

9D: Acho que não. Porque, tipo assim, não tem nada a ver a aprendizagem da escola com essa leitura.

9E: Não muito, os professores não falam sobre os mangás. Muitos nem sabem o que é mangá.

9F: Não, acho que os professores nem sabem o que é mangá e também aqui na biblioteca nem tem pra ler. As pessoas pensam que é coisa de criança

14. Você lê outros gêneros além de mangás? Quais?

6A: Sim, contos, livros de poemas e comédia.

9A: Não.

9B: Sim, ficção científica, gosto de livros de fantasia também.

9C: Ficção científica eu leio.

9D: Sim.



9E: Gosto de livros de fantasia.

9F: Sim, livros de fantasia e contos.

15. A partir dessa leitura de mangás, você procurou outros tipos de leituras? Quais?

6A: Sim, é... contos.

9A: Não.

9B: Não muito.

9C: Não.

9D: Não.

9E: Procurei alguns livros da cultura e mitos japonesa.

9F: Sim, eu comecei a ler mais.

16. Você se considera um leitor de mangás?

6A: Sim.

9A: Sim.

9B: Sim.

9C: Sim.

9D: Sim.

9E: Sim.

9F: Sim.

17. De que outros materiais de leitura você se considera leitor?

6A: É... comédias românticas e poesias.

9A: Nenhum.

9B: De livros nem tanto assim, eu também não leio muito gibis, eu leio bem pouco, assim livros e outras coisas, ainda mais que não tenho tempo.

9C: Nada.

9D: Difícil, tem muito livro que eu leio, mas faz tanto tempo... não consigo lembrar.

9E: De livros.

9F: De livros e contos.

18. Acredita que você aumentou seu interesse por leitura através dos mangás?

6A: Sim, por causa da... os mangás pra mim é os meus livros preferidos. Aí, eu não lia muito antes de ganhar o mangá, aí depois que eu ganhei o meu primeiro mangá, li a primeira folha e já gostei.

9A: Sim, pelos mangás sim, mas pelos outros livros não.

9B: Sim, eu comecei a gostar de livros, comecei até a ler mais nas aulas de leitura, antes eu não lia. É... eu digo que sim.

9C: Sim, bastante.

9D: Mais ou menos. Porque quando eu lia livro era cinco páginas e pronto, agora quando eu comecei a ler mangá eu comecei a ler mais do que os livros, assim.

9E: Acho que sim. Gosto de ler Naruto e no Naruto fala bastante sobre mitologia japonesa, daí, eu tive curiosidade e comecei a ler sobre o Japão e sobre os países da ásia.

9F: Sim, tipo, antes eu tinha preguiça de ler, mas agora minha vontade aumentou.